

Por razões de saúde pública, as escolas encerraram e, de um dia para o outro, a comunidade escolar foi envolvida no designado ensino a distância (E@D); a FENPROF deu voz aos professores para se pronunciarem sobre o ensino em teletrabalho e estes não ficaram pelas meias palavras.

O Ensino a distância (E@D)

As perceções e a(s)
palavra(s) dos professores

FENPROF • junho.2020



“O ensino não é isto, nem nada que se pareça”

(Professora)

- [3] Sinopse
- [4] Caracterização do universo de respondentes aos questionários
- [6] Trabalho desenvolvido com os alunos
- [7] Alunos com necessidade de medidas não apenas universais
- [8] Desigualdades e superação de défices no processo ensino-aprendizagem
- [9] O nível de exigência do E@D para os docentes e a sua opinião sobre o apoio recebido
- [12] A(s) palavra(s) dos professores e dos educadores
 - ® (14) Sobre o ensino a distância (E@D)
 - ® (15) Ministério decidiu, mas não cuidou de criar condições
 - ® (16) Teletrabalho faz disparar “sobretalho”
 - ® (17) Professores “afogados” em burocracia
 - ® (18) Cansaço, ansiedade, exaustão, stress... até desespero, invadem a vida dos/das docentes
 - ® (20) Vida familiar difícil numa casa ocupada pelo local de trabalho
 - ® (22) Professores temem violação da sua privacidade e queixam-se de intromissão na relação pedagógica com os alunos
 - ® (23) E@D faz disparar desigualdades
 - ® (25) Alunos com necessidades educativas especiais, em E@D, são ainda mais discriminados
 - ® (26) Avaliação justa será difícil num ano com tantos défices
 - ® (27) O Ministério da Educação avaliado pelos professores
 - ® (29) Professores não querem palmas; continuam a exigir respeito e justiça!

A FENPROF pretendeu saber a opinião dos professores sobre o teletrabalho ou, usando a designação oficial, o ensino a distância, para o qual os publicitários encontraram a sigla E@D, tentando passar uma ideia de modernidade, quiçá, a Educação do admirável mundo novo, que teria agora a oportunidade de se revelar.

As respostas dos professores não deixam dúvidas, com a opinião maioritária a resumir-se numa afirmação que se poderá tornar icónica: *O ensino não é isto, nem nada que se pareça!*

Apesar disso, os professores, como sempre, foram solidários com os alunos e colocaram ao seu serviço as casas, o computador, a Internet, o telemóvel e, até, a sua privacidade. Fizeram-no porque, desde cedo, perceberam que a tutela não estava a fazer a sua parte. Não a de emitir ordens, orientações, circulares, disposições, plataformas ou aplicações, pois essas têm jorrado em cascata, mas a de, atempadamente, criar condições efetivas para o que designou por E@D. Deixou cada um à sua sorte e todos por sua conta.

Nas respostas abertas, há dois tópicos que os professores destacam:

- A **desigualdade entre os alunos**, que se agravou, em alguns casos, perigosamente. Assinalam, como principais razões, a falta de apoios, que, para alguns, são absolutamente indispensáveis e, também, as questões de ordem social que, já tendo contornos graves, se tornaram ainda mais problemáticas, com dois milhões de trabalhadores a ficarem em *layoff* ou no desemprego. Esta situação tem forte repercussão no funcionamento das famílias, designadamente no acompanhamento dos filhos;

- O **desgaste dos professores**, que manifestam enorme cansaço, decorre de diversos fatores, que vão da necessidade de adaptação a um modelo inédito de atividade até ao facto de ser bastante mais complicado, estando distante, acompanhar todos os alunos e satisfazer as necessidades educativas específicas de cada um; contribui, ainda, para este desgaste o facto de a atividade profissional ter tomado conta de todas as horas do dia e, ao invadir a casa de cada professor, dificultar a sua indispensável e saudável separação da vida familiar.

Confirma-se que, a meio do terceiro período letivo, mais de metade dos docentes ainda não tinha conseguido contactar com todos os seus alunos; apesar disso, mais de dois terços avançaram novos conteúdos curriculares, impelidos que foram pelas direções de algumas escolas e pelo ministério da Educação; porém, de entre esses docentes, é significativo o número dos que afirmam não considerar esses conteúdos na avaliação que farão dos seus alunos. Conscientes dos défices que se verificarão no final do presente ano letivo, os professores consideraram inevitável, em 2020-2021, tê-los em conta, tentar superá-los e reforçar os apoios pedagógicos aos alunos.

O próximo ano letivo, pelo menos no início, continuará condicionado por medidas de segurança sanitária, com implicação na constituição de turmas, no resguardo de doentes de risco, nos horários dos professores, na higienização de instalações, nas condições de trabalho e de segurança de toda a comunidade escolar, entre outros aspetos que terão de ser considerados nos diplomas relativos à constituição de turmas e à organização do ano letivo 2020-2021.

Mário Nogueira
Secretário-Geral da FENPROF

Caraterização do universo de respondentes ao questionário

O levantamento promovido pela FENPROF, sob a forma de questionário, contou com 3.548 respostas validadas, que foram tidas em conta na elaboração deste documento. A participação dos professores teve lugar na primeira quinzena de maio, portanto, já com estes em teletrabalho há mês e meio / dois meses. É um número muito significativo de respostas, com uma natural prevalência do setor público (96,1% do total). Para além das perguntas de pesquisa, com resposta de escolha múltipla, aos professores foram pedidos contributos / apreciações em pergunta aberta, tendo estes correspondido ao pedido formulado.

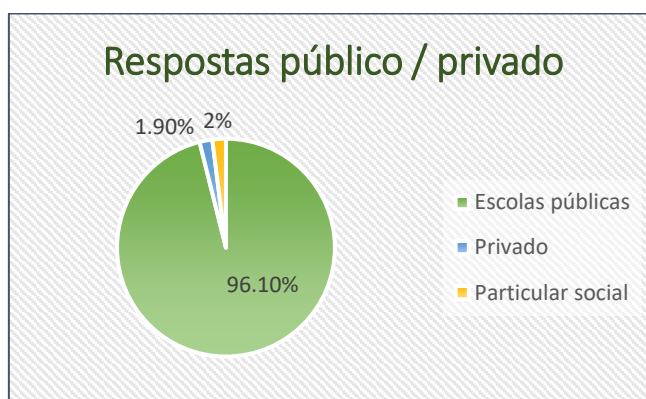


Gráfico 1: Distribuição percentual dos respondentes por setor de origem: público, particular e cooperativo ou social

Se considerarmos a participação por grau/nível de ensino de origem dos docentes, verificamos que esta acompanha a que existe no terreno, como confirmam as últimas estatísticas oficiais da Educação, relativas a 2018. Destes docentes, 5,4% encontram-se em grupos de recrutamento da educação especial; 10,4% lecionam cursos do ensino profissional; 2% encontram-se em escolas de ensino artístico especializado.

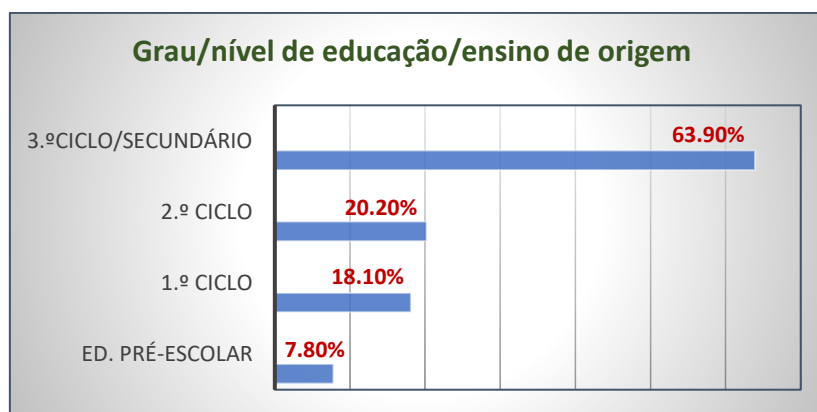
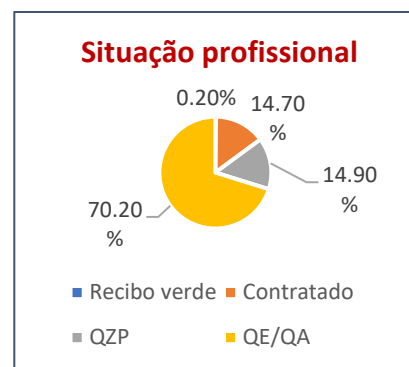
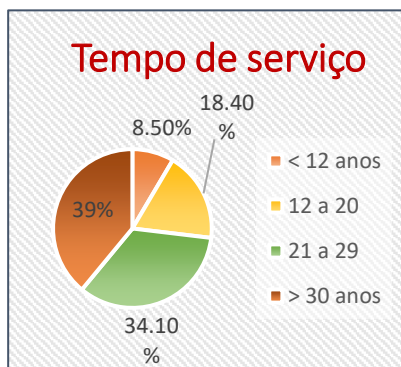
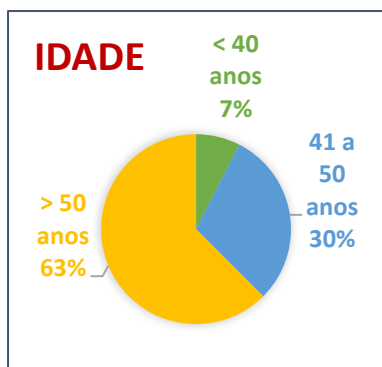


Gráfico 2: Distribuição percentual dos respondentes por grau/nível de ensino a que pertencem

Há três elementos muito importantes nesta caraterização: idade dos respondentes, tempo de serviço e situação profissional. Relativamente à situação no terreno, não se verificam grandes desvios: há uma forte participação de professores e educadores com 50 ou mais anos, grupo etário que, nas escolas, prevalece, por ausência de medidas que contribuam para o rejuvenescimento do corpo docente; em relação ao tempo de serviço, há uma natural correspondência à idade dos professores, com o maior grupo a trabalhar há mais de 30 anos, seguido, de imediato, do grupo que tem entre 21 e 30 anos de serviço, não indo muito além dos 25% os que têm até 20 anos de serviço, muitos deles ainda contratados; a situação

profissional dos respondentes também está em linha com a que existe no sistema. Os pouquíssimos respondentes que se encontram a “recibo verde”, ou seja, que se encontram em regime de prestação de serviço, correspondem a professores que trabalham nas AEC. O número real destes docentes é bastante mais elevado do que fariam supor as respostas recebidas, o que confirma que muitos destes docentes não se identificam com uma profissão que continuam a ser impedidos de exercer, apesar de o rejuvenescimento ser um dos principais desafios da profissão docente, contrariado, porém, por sucessivas políticas governativas.



Gráficos 3, 4 e 5: Distribuição dos respondentes por idade, tempo de serviço e situação profissional

Trabalho desenvolvido com os alunos

Os professores recorreram, de uma forma geral, a plataformas digitais e e-mail para contactar os alunos, no primeiro caso para trabalhar em grupo, no segundo para o envio de literatura e documentos de apoio e reforço das aprendizagens ou para a receção de trabalhos, entre outros elementos considerados importantes, designadamente para avaliação dos alunos. A utilização do suporte de papel destinou-se, principalmente, a garantir o contacto com alunos que não tinham computador e/ou acesso à Internet. É também de assinalar que em relação a alunos de grupos etários mais baixos (até aos 12 anos), em que a autonomia digital é muito limitada ou mesmo inexistente, tem sido necessário o acompanhamento permanente das crianças por parte de um adulto, o que nem sempre acontece. Este problema também se verifica em relação a alunos com problemáticas complexas e baixo nível de funcionamento autónomo. Para todos estes casos o recurso a materiais em suporte de papel foi, por norma, a opção dos professores.

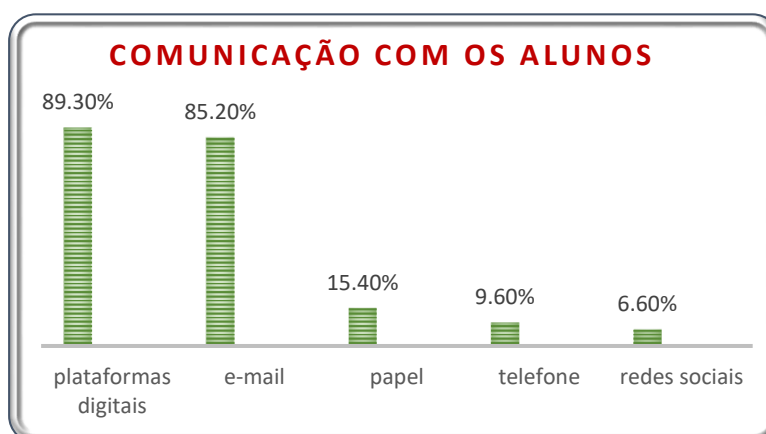


Gráfico 6: Recursos utilizados para contacto com os alunos

Até meados de maio, ou seja, a meio do terceiro período letivo, mais de metade dos docentes ainda não tinha conseguido contactar com todos os seus alunos. Não estavam contactáveis pelos meios que impunham a utilização de computador e/ou Internet, mas também não tinham conseguido estabelecer outro tipo de contacto, o que, aparentemente, denunciava um total alheamento em relação à escola. Posteriormente, em alguns casos, foi possível estabelecer contacto com alguns desses alunos, para o que foi importante a colaboração das autarquias; contudo, a maior parte deles, mesmo a partir daí e conforme testemunho dos respetivos professores, não manteve uma participação regular na atividade letiva desenvolvida a distância.

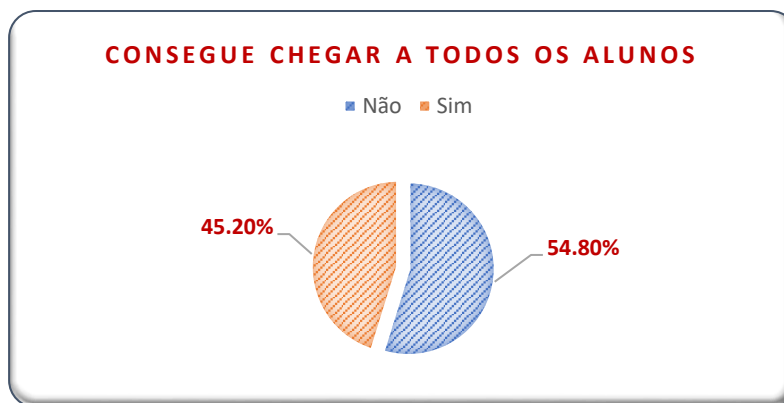


Gráfico 7: Distribuição dos respondentes consoante tenham ou não conseguido contactar a totalidade dos seu alunos

Apesar da situação desigual dos alunos no acesso e acompanhamento das atividades letivas a distância, as orientações do Ministério da Educação foram no sentido de os professores avançarem com novos conteúdos curriculares para que se cumprissem, na íntegra, os programas. A pressão exercida sobre as escolas e, por estas, sobre os professores, levou mais de dois terços o fizessem, mas, ainda assim, uma significativa percentagem, na ordem dos 30%, limitou-se a reforçar conteúdos que já tinham sido trabalhados em sala de aula. Do conjunto de docentes, só 47,8% afirma que irá avaliar novos conteúdos, bem abaixo dos que afirmam ter avançado na matéria...

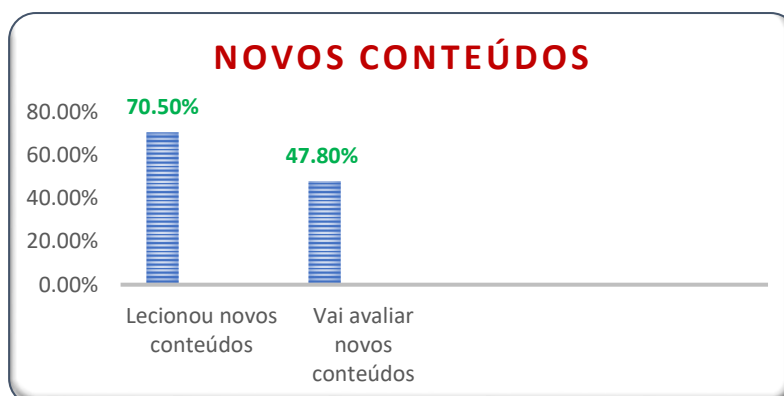


Gráfico 8: Lecionação de novos conteúdos e sua relevância para a avaliação dos alunos

Alunos com necessidade de medidas não apenas universais

Por norma, as escolas têm alunos com necessidades educativas especiais, designação que o regime de inclusão previsto no DL 54/2018 eliminou, mas, como se sabe, os problemas não se resolvem por mera disposição legal e a regra, também neste caso, impera. Porém, adotando a nova nomenclatura, os elementos recolhidos permitem afirmar que todas as escolas e mais de três quartos dos docentes têm alunos que necessitam de medidas seletivas e/ou adicionais. O quadro 1 confirma essa realidade.

	Na escola	No conjunto dos docentes	Docentes de grupos de Educação Especial
Alunos com medidas seletivas e adicionais	99%	76%	5,4%

Quadro 1: Alunos com medidas seletivas e adicionais (necessidades educativas especiais) e docentes de Educação Especial

O gráfico 9 demonstra a perceção dos docentes relativamente à adequação das medidas de apoio que estão a ser disponibilizadas aos alunos. O número dos que afirmam serem adequadas é superior ao dos que consideram o contrário, todavia, o dado mais relevante é o desconhecimento de quase metade dos professores em relação às medidas que terão sido adotadas, o que sugere que, após o encerramento das escolas, houve uma quebra de contacto entre os docentes das turmas e os de educação especial. Este afastamento resulta, fundamentalmente, do facto de os professores, a partir do momento em que teve lugar uma tão brusca rutura com o regime presencial, terem sido envolvidos, na maior parte dos casos por sua própria iniciativa, na aprendizagem do trabalho em meio digital e na procura de métodos de ensino adequados a esse novo contexto. A fase seguinte centrou-se no estabelecimento de contactos com todos os alunos e na procura de meios alternativos de trabalho, consentâneos com os recursos que cada aluno tinha à sua disposição. Não houve, pois, um descomprometimento dos professores, confirmou-se foi que o ensino a distância, como afirma adiante um professor, não está em sintonia com a inclusão. Sem surpresa, a distância escava fossos que dificultam o encontro e esse é chave mestra da inclusão.

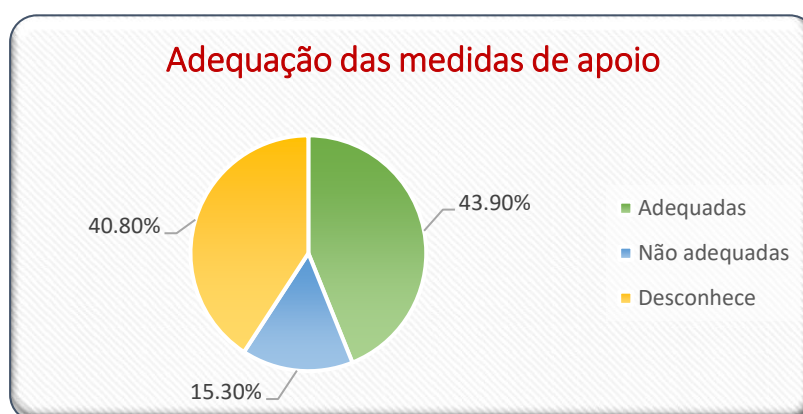


Gráfico 9: Adequação das medidas de apoio a alunos com necessidades educativas especiais

Apesar do esforço feito por todos, em particular escolas, professores, alunos e famílias, as respostas a este questionário confirmam que as desigualdades se agravaram. Essa é a opinião de 93,5% dos docentes. E uma percentagem da mesma ordem (92,9%) considera que, no próximo ano letivo, será necessário agir de forma a superar os défices do que ainda não terminou, pois, por maior que seja o empenhamento de cada um, o resultado final ficará sempre aquém do pretendido para condições normais. Esse é um – mais um, entre muitos – aspeto desfavorável a um modelo de ensino desenvolvido a distância.

Desigualdades e superação de défices

no processo ensino-aprendizagem

	Sim	Não
Desigualdades agravaram-se	93,5%	6,5%
Superar défices no próximo ano letivo	92,9%	7,1%

Quadro 2: Agravamento das desigualdades e necessidade de superar défices no próximo ano letivo

Nas suas respostas, os professores consideraram importante que o período de férias não fosse reduzido ou anulado. Num ano que foi muito exigente, professores, como trabalhadores não docentes das escolas e alunos, depois do esforço realizado, necessitam de recuperar forças e ânimo para enfrentarem o ano letivo seguinte, cuja organização ainda não é clara, pois tudo dependerá da situação epidemiológica que se verificar em setembro ou, até, um pouco mais tarde. Entendem, contudo, como se confirma no quadro 2, ser necessário superar os défices do ano letivo 2019-2020 e, perante as hipóteses que têm sido aventadas, não hesitam em afirmar que a solução deverá passar pela integração, no próximo ano letivo, de conteúdos que deveriam ter avançado este ano e reforço dos que avançaram, sobretudo após encerrarem as escolas.

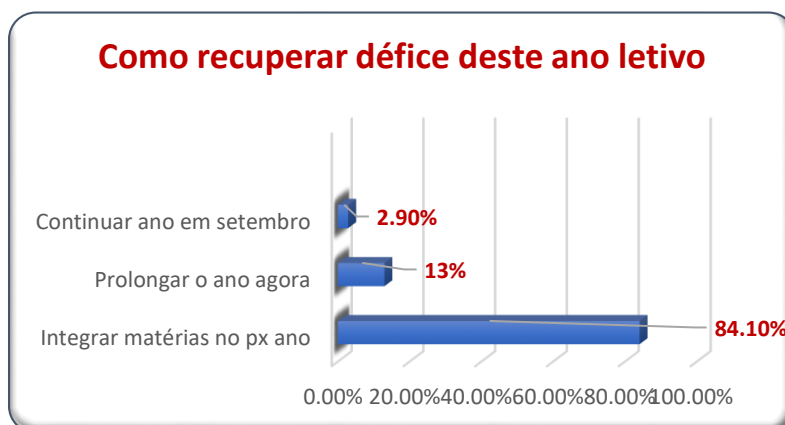


Gráfico10: Como / quando recuperar défice deste ano letivo

O nível de exigência do E@D para os docentes e a sua opinião sobre o apoio recebido

Quase 2/3 dos docentes considera que o ensino a distância tem um grau de exigência maior do que o presencial, principalmente pela necessidade de, após as sessões síncronas, estabelecer contactos individualizados que terão de ser através do e-mail ou do telefone, o que leva a que, muitas vezes, tenham de permanecer até muito depois daquelas sessões, a desenvolver esses contactos.

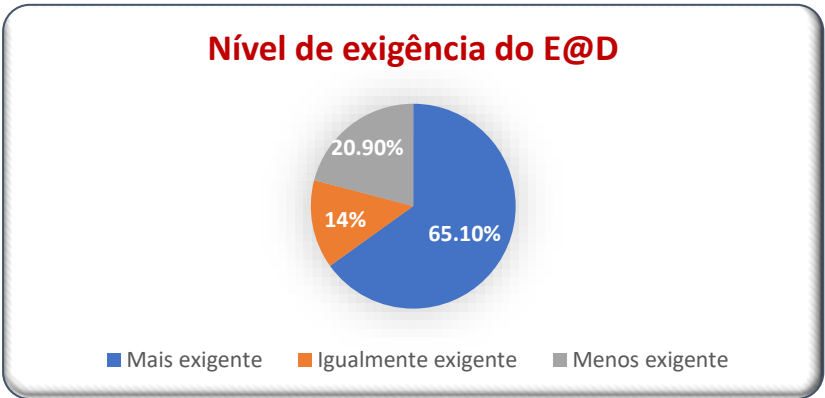


Gráfico11: Percepção sobre o nível de exigência do E@D para os docentes

Para os docentes de alunos de escalões etários mais baixos (até aos 12 anos – Educação Pré-Escolar, 1.º e 2.º Ciclos do Ensino Básico), a falta de autonomia da maioria das crianças na utilização dos recursos de ensino a distância, cria dificuldades acrescidas, pois impõe a presença de um adulto, por norma, familiar, que faz o acompanhamento da atividade e a mediação entre o aluno e o professor. Aumenta, por isso, a necessidade de contacto direto com pais e encarregados de educação que, trabalhando, só à noite ou no fim de semana muitos deles estão disponíveis para contactar com os professores.

Para estes níveis de educação e ensino, o recurso à televisão, para acompanhamento das sessões de #EstudoEmCasa, foi positivo; aliás, referem esse como o único apoio positivo que o Ministério da Educação lhes fez chegar. Quanto ao resto, como é repetido nas respostas abertas, é burocracia e são plataformas cujo preenchimento indicia mais a intenção de controlar do que a necessidade de apoiar.

A maioria dos que consideraram “Insuficiente” o #EstudoEmCasa fizeram-no, principalmente, pela falta de informação prévia adequada sobre os conteúdos de cada emissão e, também por isso, a dificuldade em preparar devidamente a atividade direta com os alunos, aproveitando melhor o seu teor. Não o fizeram por um eventual desempenho menos positivo dos seus colegas.

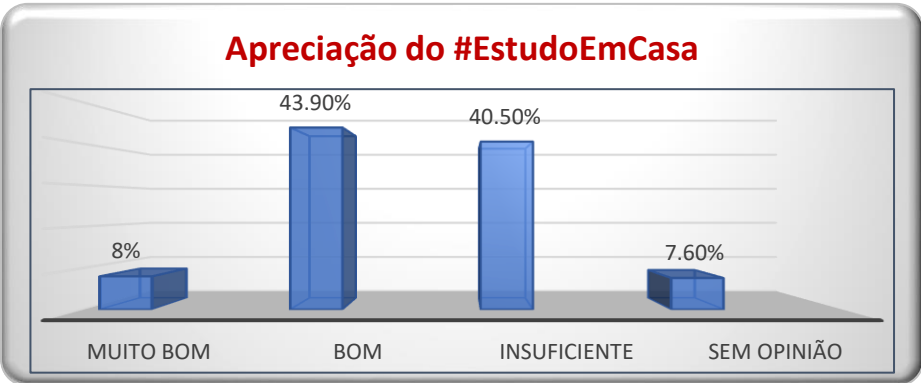


Gráfico12: Apreciação do #EstudoEmCasa

Os professores consideraram ainda, maioritariamente, como positivo o apoio prestado pelas escolas e pelos pais e encarregados de educação. Em relação às autarquias (câmaras municipais e juntas de freguesia) a maioria diz desconhecer o apoio que poderá ter sido dado. Já em relação ao ministério da Educação, professores e educadores não têm dúvidas: não deu o apoio a que

estava obrigado e que se exigia dos seus responsáveis, em particular do ministro. Esta é a opinião de cerca de 60% dos docentes, não atingindo os 20% aqueles que consideram ter sido adequado o apoio prestado pelo Ministério da Educação.

Nas respostas abertas, esta apreciação crítica é retomada, com muitos docentes a afirmar que soaram a hipocrisia os elogios que ouviram de governantes, pois não esquecem a forma como têm sido desrespeitados e desconsiderados pelo governo em aspetos essenciais da sua vida profissional, tais como: a carreira e o tempo de serviço que continua a ser roubado; os horários de trabalho, que não respeitam os limites legalmente fixados; o envelhecimento, que já deveria ter sido atalhado com a aprovação de um regime excecional de aposentação; a precariedade, uma chaga que se arrasta há anos para milhares de docentes e que, no final de cada ano letivo, faz agitar o espetro do desemprego. E se as escolas precisam de professores jovens...

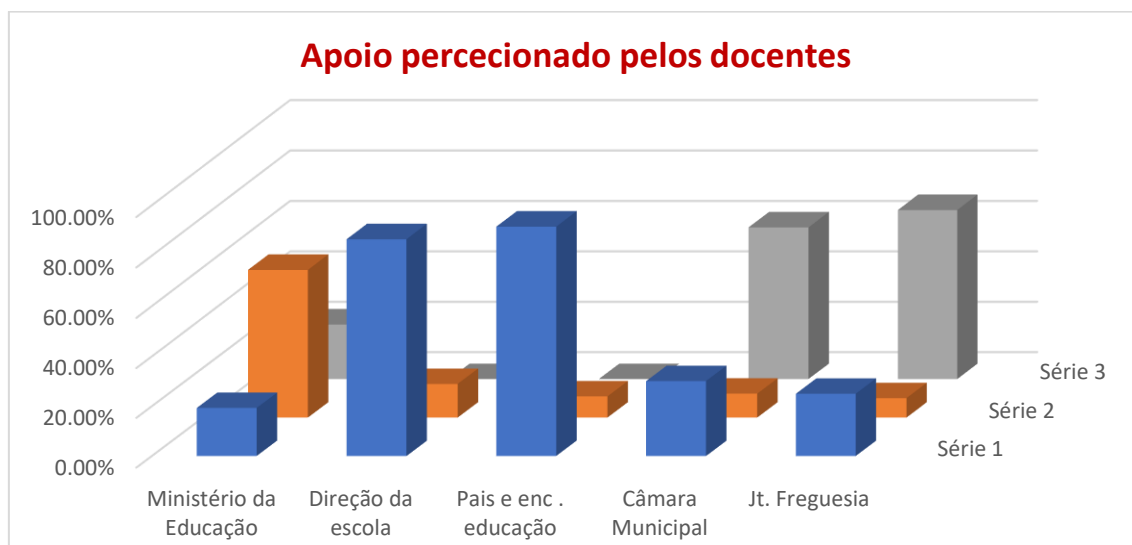


Gráfico13: Apoio percecionado pelos docentes por entidade

	(Série 1) Positivo	(Série 2) Negativo	(Série 3) Desconhece; S/ opinião
Ministério da Educação	19,3%	58,9%	21,8%
Direção das escolas/AE	86,5%	13,5%	-
Pais e enc. educação	91,5%	8,5%	-
Câmaras Municipais	30,1%	9,6%	60,3%
Juntas de freguesia	25%	7,8%	67,2%

Quadro 3: Apoio percecionado pelos docentes (legenda ao Gráfico 13)

A(S) PALAVRA(S) DOS PROFESSORES E DOS EDUCADORES

O que afirmam, escrevendo em resposta aberta, os professores sobre o E@D: o que sentem, o que pensam, como o veem e o que mais os preocupa. À cabeça surgem as preocupações com a desigualdade entre alunos, que se acentua, e o enorme desgaste que confirmam estar a tomar conta de si. E enfatizam: “O ensino não é isto, nem nada que se pareça!”.

Para além das opções dos professores e dos educadores relativamente às questões que lhes foram diretamente colocadas, este questionário permitia que, de forma aberta, pudessem manifestar as suas preocupações, dificuldades, reclamações e propostas. Esse espaço foi aproveitado e acaba por abrir mais um leque de assuntos que, não tendo sido colocados inicialmente, constituem um contributo importante para que se compreendam as perceções dos professores e dos educadores, por norma, construídas pelas suas vivências neste E@D.

Regista-se a compreensão da grande maioria dos docentes em relação à necessidade de manter o contacto com os alunos, mas é muito crítica a apreciação à forma como todo este processo foi gerido, principalmente pelo Ministério da Educação. E são muitos os que não hesitam em afirmar que o E@D pode ter sido uma alternativa num tempo em que a saúde pública impôs o encerramento das escolas, mas alertam que este não pode ser o caminho, contrariando eventuais tentações de, no futuro, enveredar por ele.

Os professores contestam o facto de, ao ser tomada a decisão pelo Governo, não ter havido a preocupação de perceber os níveis de (i)literacia digital dos docentes, mas também dos alunos e das suas famílias, como não houve qualquer preocupação em saber se, uns e outros, tinham os recursos necessários para o desenvolvimento de atividade em regime de teletrabalho. Do Ministério da Educação chegavam orientações que partiam do princípio de esses serem problemas resolvidos. Mas não estavam e muitos docentes foram obrigados a adquirir equipamentos informáticos, ou por não os terem ou por terem de partilhar os existentes em casa com outros membros do agregado familiar que também se encontravam em teletrabalho. Algumas escolas disponibilizaram o que nelas existia, só que, para a atividade que é necessário desenvolver, o seu parque informático não dá resposta, por já ser anquilosado.

Afirmam ter atingido um muito elevado estado de exaustão, dado o excesso de trabalho que lhes é imposto, boa parte de natureza burocrática. Aqueles que, às aulas, somam funções de direção de turma referem que são quase 24 sobre 24 horas no contacto com alunos, colegas e encarregados de educação.

O trabalho que os professores hoje desenvolvem ocupa quase integralmente a sua vida e, em definitivo, transformou as suas casas em local de trabalho. É a própria vida familiar que é posta em causa, com filhos e, não raras vezes, pais para acompanhar e apoiar que vão ficando para segundo plano.

No que diz respeito aos aspetos laborais, os professores queixam-se de desrespeito, que se acentuou, pelos limites legalmente fixados do horário de trabalho; mas também não esqueceram a carreira, a necessidade de serem tomadas medidas que deem resposta ao indispensável rejuvenescimento do corpo docente e a necessidade de serem criadas condições de estabilidade dos mais jovens que, mesmo com um número significativo de anos de serviço, continuam a debater-se com o problema da precariedade.

Preocupados com a exposição a que professores e alunos se sujeitam no meio digital e também com a ingerência mal disfarçada de adultos na atividade dos alunos, as principais preocupações dos professores vão, precisamente, para estes.

Para os professores, as desigualdades aprofundaram-se, aos alunos com necessidades educativas especiais faltam apoios sem os quais as suas dificuldades aumentam e são muitos os que temem que, num contexto destes, a avaliação acabe por ser injusta. Confirmam que se chega ao final do ano letivo com um défice significativo de aprendizagens e que a organização do próximo não o poderá ignorar.

São cáusticos em relação a elogios de governantes que se ouviram nestas últimas semanas. Dizem que não foram mais [nem menos] profissionais do que habitualmente, pois dão sempre o seu melhor, de acordo com as exigências que cada situação coloca. Lamentável é que, acrescentam, só nestes momentos se oiçam elogios que, por isso, soam a hipocrisia e falso reconhecimento. Antecipam que, quando tudo voltar à normalidade, também regressará a normal atitude de desrespeito dos governantes em relação aos professores. Se assim for, não se espere que os professores fiquem de braços cruzados.

Dos mais de dez mil comentários que foram feitos nos diversos espaços abertos do questionário, selecionaram-se os que sintetizam o sentimento geral manifestado. Relativamente a cada item, é destacada uma frase, escolhida pela sua acutilância, clareza e objetividade.

Uma breve nota de atualização, que continua a ter em conta a opinião dos professores: a reabertura de estabelecimentos de educação e de ensino (escolas secundárias, parcialmente, em 18 de maio e jardins de infância no dia 1 de junho) não veio resolver nenhum dos problemas identificados na sequência deste questionário. As **desigualdades continuam a acentuar-se**, desde logo porque nem todos os alunos e crianças estão presentes nas aulas ou atividades (não compareceram cerca de 10% no secundário e na educação pré-escolar acima de dois terços) e, no caso do secundário, a forma de organização é muito diversa, com alunos a ter todas as aulas previstas no currículo e outros apenas metade; quanto aos **docentes, o elevado nível de cansaço não se atenuou**, até porque novos fatores se acumularam aos anteriores, tais como a necessidade de chegar aos alunos ausentes, a coexistência de teletrabalho ou a preocupação com o contágio que, involuntariamente, pode ter lugar nas escolas / jardins de infância, que poderia ter sido atenuada se o governo, antes de reabrir os estabelecimentos, tivesse realizado um rastreio à Covid-19 na comunidade escolar.



Sobre o ensino a distância (E@D)



“O ensino não é isto, nem nada que se pareça.”

*“Por muita tecnologia que exista e se possa utilizar, **nada substitui o ensino presencial**. Para ensinar a pregar um prego é sempre preciso o martelo, o prego e SENTIR todo esse processo, mesmo que se magoe o dedo. Pode ser uma metáfora, mas é uma metáfora bem real”.*

15

*“Ainda que considerássemos as medidas do governo como as possíveis face à nova realidade, digamos que é um **penso pequeno para uma ferida muito grande**.”*

“O processo de ensino-aprendizagem requer muito mais do que umas aulas virtuais, sejam elas televisionadas, "YouTubizadas" ou "Classroomizadas", e se não formos francos em relação a isto, estaremos a enganar os alunos e as suas famílias e a deixar que nos enganem”.

*“Gosto de ser professora, de estar na escola e olhar os meus alunos nos olhos e de perceber com um olhar as angústias e os receios, as dificuldades e os constrangimentos. **Tenho uma opinião muito desfavorável** em relação a tudo isto, não porque sou retrógrada ou antiquada, mas apenas porque houve uma pressa muito grande em "montar" este espetáculo digital sem ter em atenção que não vamos chegar a todos os alunos. Na minha opinião, solução que não chega a todos não é solução”.*

*“**...faltam** dinâmicas mais funcionais, orientações mais precisas e claras, faltam recursos, faltam meios, faltam competências... falta tempo... falta preparação e, às vezes, bom senso...”.*

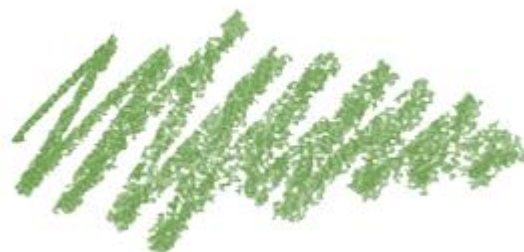
*“**Só o ensino presencial permite** instruir, mas também formar cidadãos; diluir as desigualdades sociais, como inscreve a Constituição”.*

*“Os resultados a obter pelo E@D não serão **nunca proporcionais ao esforço** realizado pelos docentes”.*

*“**Nada substitui a atividade presencial**. Aulas só existem com a presença física de alunos e professores”.*

*“Este modelo promove a atomização do indivíduo, estimula o negócio das tecnologias de comunicação e das ditas redes sociais. **Talvez seja a antecâmara do admirável mundo novo, povoado por robots de carne e osso**”.*

*“A tentativa de reproduzir à distância os mecanismos do ensino presencial, violou os direitos dos alunos, dos professores e das famílias de forma sistemática e imponderada. **Ludibriou os alunos e as famílias**.”*



Ministério decidiu, mas não cuidou de criar condições



*“O Ministério contou com os recursos de cada professor, sem que nada fizesse para resolver essa situação. **Querem fazer flores com o material dos professores**”.*

“Muitos de nós tivemos de adquirir novos computadores compatíveis com as plataformas, novos pacotes de Internet e nem sequer podem essas despesas ser dedutíveis em sede de IRS”.

16

“Preocupações? O meu PC está prestes a dizer que chega e a entregar a alma ao criador. Pago eu um novo? E depois outro? E outro?”.

*“Todos os recursos utilizados por mim foram **comprados/pagos... por mim**: computador, internet e telefone. Nunca ninguém me perguntou se eu queria ou podia utilizar o meu computador e/ou telefone... marcaram as aulas síncronas sem ouvir os professores. Em casas com computadores partilhados é um problema”.*

*“Equipamentos informáticos das escolas estão obsoletos: não podemos chamar-lhes computadores mas sim **“computossauros.”***

*“Não tinha o conhecimento, nem preparação necessárias para lidar com muitas das ferramentas digitais. Por outro lado, também não tinha o equipamento digital apropriado. Tinha um computador obsoleto, totalmente incapaz de fazer frente às novas exigências. **Ninguém me ajudou** nesse aspeto”.*

*“**Onde estão os suplementos** para luz, internet, chamadas telefónicas (+ de 10 horas de chamadas de telemóvel para assuntos da escola), impressora...?”.*

*“O otimismo em torno do E@D, por parte do ME, reflete um desconhecimento geral acerca das limitações existentes nas escolas, um ignorar da faixa etária dos seus docentes e das dificuldades que muitos evidenciam no uso das TIC, desvalorização da sobrecarga de trabalho que a implementação e manutenção do E@D representa para os professores e o abuso, por parte da tutela, que nos “obriga” a usar os nossos equipamentos pessoais (dos quais pagámos impostos) e **as nossas contas pessoais** de telefone, telemóvel e internet, bem como do acréscimo do consumo de eletricidade, sobre os quais também pagamos impostos.”*



Teletrabalho faz disparar “sobretabalho”



“A **sobrecarga de trabalho é assustadora e doentia**, como se os professores, por permanecerem em casa, tivessem de estar 24h disponíveis para a escola.”

“Nem há a noção da **quantidade de trabalho** que um professor tem tido, entre grelhas, grelhinhas, alterações de planificações, reuniões por videoconferência... algumas marcadas no próprio dia.”

17

“Neste momento o nosso trabalho é **sete dias na semana** e nem dormimos 6 horas.”

“**Com os nossos meios pessoais ao serviço do ministério (Net, PC, etc.) e sem horário para trabalhar, estamos ao serviço da direção do Agrupamento o tempo todo. Quando regressarmos à Escola, receio que, alegando motivos de prevenção e cuidados sanitários, nos coloquem os panos de limpeza e vassouras nas mãos!!!**”

“O **trabalho docente triplicou**. Os alunos procuram-nos a toda a hora e todos os dias recebo pedidos de esclarecimentos e trabalhos enviados às 23 ou 24 horas... Deixaram de existir fins de semana e as jornadas de trabalho chegam frequentemente às 12 e 14 horas/ dia.”

“Preocupa-me o **excesso de tarefas** que são pedidas e a qualquer hora do dia e da noite; demasiados e-mails (receber e enviar) da direção, diretores de turma, colegas, alunos, encarregados de educação... Reuniões a toda a hora...”

“Tem sido muito complicado, com **muito trabalho extra**. Com 150 alunos, com turmas de alunos com NEE, 64 anos de idade e aprendizagem (turbo) do ensino à distância.”

“Tenho andado a **trabalhar em média 12 horas por dia**, incluindo a interrupção letiva. Na primeira semana do 3º período, tive aulas e reuniões de departamento, grupo e CT (7) em simultâneo. Isto, para além de ter de preparar os materiais para as "aulas" dos alunos e carregá-lo nas Classrooms.”

“O **horário de trabalho dos professores está a ser significativamente violado** por entidades superiores. Não há respeito por horários de trabalho.”

“Ainda é cedo para fazer um balanço, mas do que vejo, parece-me um sistema bastante **perigoso em tudo o que respeita a relações laborais**, muito em particular no que respeita a horários de trabalho e à vida familiar. Para muitos diretores o estado de emergência e o momento atípico que vivemos justificam todos os atropelos à lei.”

“Enquanto diretora de turma com 7 turmas distribuídas por 2 níveis de escolaridade e 2 disciplinas (o que perfaz 14 turmas), **vejo-me afogada em trabalho**.”

“Antes da pandemia já não eram respeitadas as horas de trabalho docente (tempos letivos e não letivos), **agora ainda está a ser pior**. As reuniões multiplicam-se e há reuniões marcadas à uma da manhã para as nove e meia desse mesmo dia...”

“É de facto bastante mais exigente, **ridiculamente mais exigente!** Sem horários, sem dias de descanso, com rajadas de e-mails a qualquer hora do dia (hoje recebi um às 3 da manhã!!!).”

Professores “afogados” em burocracia



“E a burocracia que nos pedem? Para quê se os registos estão na plataforma, entra-se às 8 horas e, muitas vezes, à uma da manhã ainda estamos a receber e-mail com burocracia e mais burocracia para preencher... somos PROFESSORES!”

“Demasiados papéis, uma logística tremenda.”

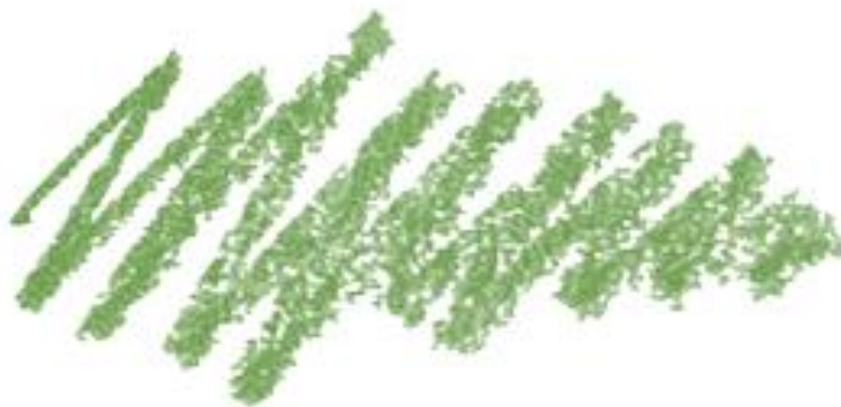
*“Houve um **acréscimo de burocracia** o que rouba ainda mais tempo ao que é mesmo importante: preparar aulas.”*

“Excesso burocrático, que não se coaduna com o mundo virtual/digital.”

“Os professores já não estão a “afogar-se” em papéis, evoluímos... Agora é em tutoriais sobre plataformas digitais, recursos digitais que crescem como cogumelos, emails com orientações e, logo a seguir, retificações...”

*“O **tempo gasto** para preencher, semanalmente, os registos das aulas (síncronas e assíncronas) é muito grande, excessivo.”*

*“Andamos nós, os professores, sobrecarregados com **tarefas burocráticas e “papeladas” (digitais a maioria) inúteis.**”*



Cansaço, ansiedade, exaustão, stress... até desespero, invadem a vida dos/das docentes



*“Encontro-me a trabalhar cerca de 60-70 horas por semana, pois para além de ser docente integro vários órgãos na escola, coordenações, EMAEI.... Ao mesmo tempo tento dar apoio ao meu filho nas atividades escolares dele, que são muitas. **Não será suportável muito mais tempo.**”*

19

*“**As pessoas estão à beira da exaustão.** A adaptação está a ser muito difícil e a frustração também, pois não estou preparada para, em tão pouco tempo, corresponder ao que me é solicitado.”*

*“**Estou EXAUSTA, tenho estado estes últimos dias sempre em frente a este écran!!!! QUERO SER PROFESSORA!**”*

*“É **altamente esgotante** manter e conjugar: trabalhos de direção de turma, apoio constante aos encarregados de educação, docente de várias turmas com níveis diferentes, centenas de contactos diários dos 110 alunos, realização de videoconferências... E ser encarregado de educação a apoiar dois filhos em níveis diferentes de escolarização!! **Não sei se aguentarei** até 26 de junho!”*

*“Tenho trabalhado na última semana praticamente 18/20 horas por dia (seguidos), com uma criança de 4 anos. Além das aulas, a função de DT e todo um conjunto de conhecimentos, ferramentas, linguagem web que temos todos de aprender, mas para isso é preciso tempo. Foi só um desabafo de quem está mesmo **muito cansada e farta.**”*

*“Houve uma sobrecarga tremenda para os professores, que vão terminar o ano letivo (que vai terminar 4 semanas mais tarde) **completamente esgotados** e que comprometem o seu ambiente familiar para poderem cumprir os seus compromissos profissionais.”*

*“Os **professores veem-se atulhados** de mails de alunos, pais, escola, colegas, mais a correção de trabalhos, mais as reuniões por videoconferência, mais a burocracia imensa que é exigida pela escola (plano de turma para E@D, Horário de turma adaptado, monitorização do trabalho docente através do preenchimento de documento.”*

*“Esta nova abordagem de ensino está a levar os docentes a um **cansaço extremo**, que se reflete na falta de preparação de todos para uma situação atípica como é esta. A falta de tempo na preparação e estruturação das aulas para o E@D.”*

*“Os **professores estão esgotados** com tanta exigência de trabalho, mal planeado, mal orientado, e a quererem sempre dar o seu melhor, chegando aos alunos e a todos os alunos.”*

*“Nunca me senti tão pouco apoiada, **desgastada e com muito stress**”*

*“**Sinto-me exausta.** Aprendi em tempo recorde a utilizar novas formas de desgastantes. Estamos exaustos! Será que o ME sabe isso? Será que ninguém vê / entende isso?”*

*“Os professores estão a passar por um **período de grande stress** e com um horário de trabalho muito elevado chegando a ter os sábados e domingos ocupados.”*

*“Horas de trabalho, contactos a qualquer hora do dia e da noite, validade da avaliação...
Sinto-me profundamente desgastada e ansiosa!”*

*“**Sinto que estou num buraco**, até porque as sessões síncronas causam-me muita ansiedade.”*

*“É complicadíssimo, no meio disto tudo, conseguir ler e organizar a quantidade de mails dirigidos pelos superiores que, muitas vezes, nada trazem de ajuda, apenas exigem mais evidências ou o preenchimento de mais elementos. Em vários momentos, já me ocorreu apresentar atestado, pois **sinto que estou a colapsar**.”*

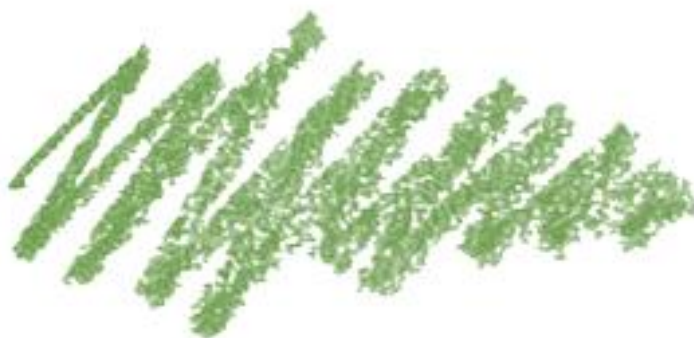
20

*“**Sinto-me a deprimir/ desesperar** por não conseguir dar resposta aos trabalhos dos alunos naquilo que considero ser tempo útil. Estou exausta.”*

*“O tempo despendido na preparação das atividades é muito, mesmo muito, superior ao despendido nas atividades presenciais. **Está a ser muito cansativo**.”*

*“Passo imenso tempo a experimentar para depois aplicar com os alunos, com imensas dores da coluna e um **cansaço incapacitante no final do dia**, por estar entre 8 a 10 horas à frente do computador.”*

*“**Estou exausta** e tenho feito “das tripas coração” para estar a trabalhar com os alunos (por quem tenho muito respeito) e pelo AMOR que sempre tive à profissão de professora.”*



Vida familiar difícil numa casa ocupada pelo local de trabalho



“A utilização dos materiais, dos computadores dos próprios e a falta de apoio do Ministério da Educação, tudo isto está a agravar o estado de saúde dos **professores que não têm tempo para eles próprios, para a família e para a sua casa.**”

“Estando em teletrabalho com o marido e com crianças é **impossível responder a todas as solicitações** das escolas (minha e dos filhos, que também somos pessoas).”

“Famílias em que ambos os cônjuges estejam em teletrabalho e tenham 1 ou 2 filhos e apenas 1 ou 2 computadores, é **quase impossível organizarem-se.**”

“A certa altura senti-me sozinha, exposta ao ridículo, senti que o meu computador, a minha internet, o meu telemóvel e a minha casa tinham sido nacionalizados.”

“Direção do Agrupamento, colegas, pais e alunos perderam por completo a baliza temporal que nos permitia algum fôlego. Há sempre urgências e afazeres que se misturam com a vida familiar. Lidar com os pais/encarregados de educação que ligam a qualquer hora e ter **perdido o filtro pessoal/profissional** colocou aqui desafios que são difíceis de gerir.”

“Viver em casa com um **filho com deficiência, gerir à distância pais idosos** que necessitam de apoio e distanciamento, com horas infinitas de trabalho de preparação, gestão e contactos... posso afirmar que estou à beira do Burnout.”

“O meu maior problema é dividir os recursos pessoais (PC, Tablet, TM e NET) pelas **pessoas que estão a trabalhar em casa.**”

“Sou mãe de uma disléxica profunda, não tenho qualquer apoio e **não sei como articular a vida profissional com a familiar.**”

“**O lar de cada um passou a ser o local de trabalho**, além de que o professor também é encarregado de educação.”

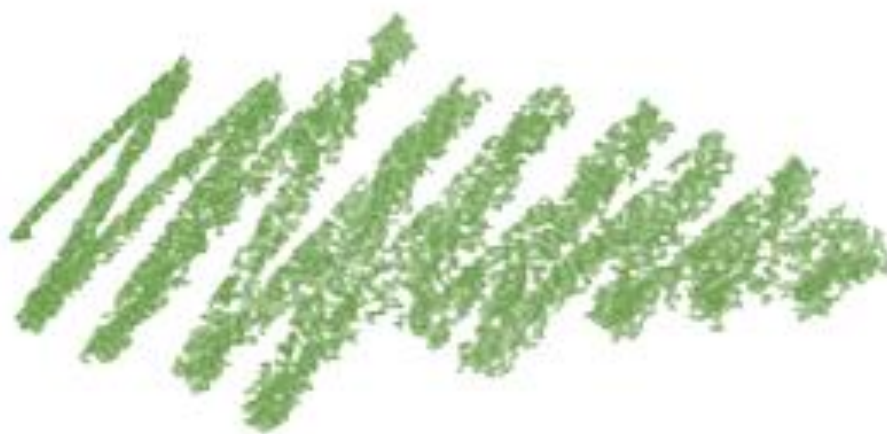
“É insuportável estar **em teletrabalho sozinha, com 3 filhos** (8, 10, 12 anos), acompanhá-los nas tarefas escolares com 2 portáteis. Como professores cai-nos tudo em cima.”

“**Deixei de ter vida pessoal**, os dias são passados frente ao computador a tentar apoiar os alunos e a criar formas de eles poderem trabalhar de modo a não ficarem assoberbados com trabalho.”

“O governo não devia esquecer que muitos professores neste momento sentem **dificuldade em conciliar a profissão com a família** que também está na nossa casa e exige uma atenção constante (tenho um filho na pré e outro no primeiro ano).”

“As minhas preocupações prendem-se com o **precedente que se abriu na sociedade** ao considerar que os professores devem “abrir as suas casas” 24 horas por dia para responder a solicitações de ministério, escolas e encarregados de educação.”

*“Tem sido um trabalho hercúleo que provoca um tremendo desgaste emocional, o que se reflete no seio familiar, sendo **cada vez mais difícil fazer a separação entre a escola e a vida privada.**”*



Professores temem violação da sua privacidade e queixam-se de intromissão na relação pedagógica com os alunos



“Preocupa-me que **a minha imagem** seja utilizada para fins desajustados.”

“Fico preocupado com a forma por vezes patética como se desenvolvem as aulas à distância, às vezes sem contacto, pelo menos visual, com os alunos, **expondo-nos e expondo a sua privacidade.**”

23

“Chegamos a estar nas "aulas" **sem sabermos quem nos está a observar**, ou inclusivamente a filmar, entre outras coisas. Todo o erro que possa surgir será penalizado.”

“Há excessiva, despropositada e/ou inapropriada intervenção de alguns pais/encarregados de educação que parecem verdadeiros treinadores de bancada.”

“Muitos encarregados de educação acham que “apoiar os seus educandos” é **intrometer-se** nos métodos utilizados pelos docentes e dão mesmo palites do que deveria ser! Por outro lado, também há muitos encarregados de educação que falam pelos seus educandos não contribuindo, assim, nem para aumentar a autonomia, nem para a responsabilização dos jovens.”

“Fico apreensiva com a **exposição a que nos sujeitamos** nas videoconferências que, na minha opinião, nunca deveriam acontecer. Deveria haver outra forma de termos aulas síncronas.”

“Em muitas das minhas aulas síncronas, **apercebo-me da presença de adultos** que participam junto com os alunos, ligeiramente ao lado, tentando passar despercebidos.”

“As plataformas digitais, as vídeo-aulas, ... são uma **forma terrível de expor os professores** (e também os alunos) que não deveria nunca ter sido tornada obrigatória.”

“Preocupo-me com a **utilização indevida, abusiva** (ou até criminosa) da imagem de docentes e alunos.”

“No meu agrupamento de escolas não existem endereços de mail institucionais nem para professores nem para alunos pelo que tenho sido instada a criar uma conta de mail (qualquer conta que eu crie será sempre pessoal) e a utilizar o meu telemóvel para o contacto com os alunos, e **insultada por me recusar a fornecer dados pessoais.**”

“Estou preocupada com a **privacidade** dos meus dados pessoais e com a minha privacidade enquanto professora.”

“A minha maior preocupação é notar cada vez mais a **interferência dos pais** em assuntos que não dominam, vendo sempre a parte pelo todo, no que concerne ao seu educando. Assuntos estes que geralmente não dominam...”

“Quase sempre fica a noção que, eventualmente, são os próprios **pais a executarem as tarefas** dos alunos.”

E@D faz disparar as desigualdades



“A pandemia veio dar uma ideia mais precisa da **desigualdade de recursos e suporte familiar** que dos alunos nos seus contextos familiares.”

“Alguns **pais vivem situações dramáticas**. Trabalham fora de casa ou estão em teletrabalho, não podendo dar o apoio necessário aos seus filhos. Algumas casas não têm computador ou há um para três ou quatro pessoas, incluindo pais. “

“A equidade, que já não era atingível, agora é uma completa miragem.”

“Preocupam-me os **alunos que vão ficar para trás**, devido à falta de dispositivos (computador/telemóvel) e por falta de acesso à internet. Não adianta pensar, que os correios são reais alternativas.”

“Este tipo de ensino revela e acentua claramente as **desigualdades económicas e sociais** dos alunos.”

“Preocupa-me que os alunos mais desfavorecidos se sintam **ainda mais desfavorecidos**.”

“Há pais desempregados ou em Layoff, sem condições psicológicas e sociais para poderem acompanhar os seus filhos, o que também provoca **desigualdade**.”

“Sinto muita dificuldade em trabalhar à distância. Não sei como chegar a alguns alunos que não dão resposta aos trabalhos solicitados e não têm meios (internet, smartphone, computador). As aulas síncronas são insuficientes, pois os alunos estão constantemente a colocar dúvidas fora delas. Eles sentem-se perdidos e eu também. Dar conteúdos novos sem conseguir chegar a todos **é injusto é desigual**.”

“As **desigualdades aprofundam-se**, a falta de equidade é evidente e os alunos de situação socioeconómica mais baixa são, à partida, excluídos. Estes alunos não possuem apoio familiar e não possuem equipamentos tecnológicos para acompanhar os colegas.”

“Considero muito grave a **agudização do diferenciamento social** e o aumento de abandono escolar.”

“O isolamento e o reduzido acompanhamento dos alunos mais frágeis levará a que os que contam com apoio familiar e/ou de explicadores possam beneficiar ainda mais nesta situação de ensino/avaliação à distância, sendo **penalizados os mesmos de sempre**.”

“O ensino à distância não é verdadeiramente ensino democrático. O papel do docente é, na sala de aula, um estimulador, incentivador, etc.. À distância sente uma impotência e um vazio porque vê as dificuldades dos alunos e não consegue intervir verdadeiramente como professor. Assim, as **desigualdades aumentam**.”

“No meio de tudo isto, o que mais me preocupa é ter alunos que não têm computador... só telemóvel. Sei que podem participar a partir do telemóvel, mas não é a mesma coisa. Torna-se

mais difícil realizar as tarefas e enviar. Por outro lado, estes são, geralmente, os alunos que têm menos apoio em casa... não porque os pais não se preocupem ou não se esforcem por acompanhar, mas porque não têm conhecimentos. As **desigualdades vão aumentar muito.**”

“Entende-se que a situação é nova! Mas tornou **mais evidente as desigualdades** entre os alunos.”

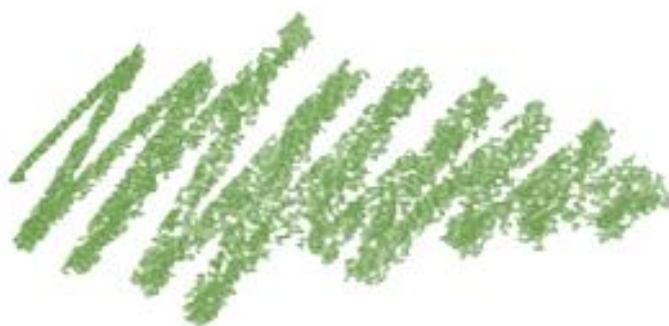
“Há que contar com a quantidade de **meninos cujas famílias não têm meios financeiros** para poder aceder a este tipo de ensino, com grande parte das famílias com o seu emprego em risco ou até desempregados ou em lay off, com famílias desestruturadas cujo confinamento veio agravar a situação, com pais cuja formação académica não lhes permite acompanhar os filhos.”

“Preocupam-me os meus alunos de **famílias infoexcluídas**, sem "herança cultural", em lay off ou no desemprego. Não são só os meus. A avaliar pelas notícias, é a maioria dos alunos deste país!”

“Há **muitos alunos que são excluídos** por não saberem ainda ler nem escrever para usar o PC e os pais de alguns também não sabem.”

“A situação gerada pela pandemia agrava exponencial e, em alguns casos, irremediavelmente, as **assimetrias sociais**. No caso do acesso à educação, pode, até, gerar retrocessos substanciais.”

“Não é possível chegar a todos os alunos, principalmente as crianças em situação de fragilidade social, de outras etnias ou, como acontece, com necessidades educativas especiais, sendo penalizados de múltiplas formas, discriminados e em **situação cada vez mais desigual.**”



Alunos com necessidades educativas especiais, em E@D, são ainda mais discriminados



“Os alunos com dificuldades de aprendizagem vão ser **mais prejudicados**, pois alguns só trabalham na presença do professor.”

“A maior parte dos alunos com Adequações Curriculares Significativas não tem material informático em casa e muitos dos que têm **não são autônomos** e não têm pais com capacidade de os ajudar.”

26

“Se os meios digitais são essenciais no âmbito do E@D, onde estão os apoios para que todos os alunos possam estar online?”

“Sendo professor de Educação Especial preocupam-me os alunos com PEI que não têm equipamentos (computador, tablets, telemóvel) ou internet e que **não se consegue chegar a eles** e aos pais.”

“**Não é possível** ensinar mobilidade e orientação à distância nem Braille.”

“Preocupam-me os alunos com **problemas graves** e cujos pais não têm outros apoios, estando 24 sobre 24 horas com os seus filhos, chegando à exaustão.”

“Falta de segurança, de recursos, dificuldades na mudança repentina de modelos de ensino, em particular para os alunos que têm **necessidade de apoios específicos**.”

“Preocupa-me muito um caso de um aluno com necessidades educativas especiais, a quem **não consigo chegar**, entre outros que me preocupam moderadamente.”

“A maior preocupação são os alunos com necessidades educativas especiais; são eles que mais necessitam de um **acompanhamento presencial dirigido às suas necessidades específicas**, até porque, muitas vezes, os encarregados de educação não o conseguem fazer. Estes alunos distraem-se rapidamente frente ao monitor.”

“O E@A **não está em sintonia** com uma escola inclusiva.”

“Sou professora de educação especial, pela especificidade dos meus alunos e pelos seus poucos recursos económicos tem sido muito **difícil desenvolver atividades novas** com eles.”

“A minha maior preocupação é com os **alunos com dificuldade de aprendizagem** que não são capazes de realizar os trabalhos de forma autónoma e como grande parte dos pais estão a trabalhar, os alunos ficam sem suporte.”

“Não foi considerada a dificuldade dos alunos com necessidades educativas diferenciadas. Não foi completamente considerada a **necessidade de apoio** a essas crianças, de que tanto precisam.”



Avaliação justa será difícil num ano com tantos défices



*“A **avaliação dos alunos** deixa-me com muitas dúvidas porque não sabemos quem executa as tarefas e eles podem consultar diversos materiais e resolver os exercícios sem saberem nada.”*

*“Final do ano será esgotante, os **alunos estarão esgotados e serão obrigados a realizar exames**, mesmo assim.”*

“Considero que o ano letivo terminou e que toda esta azáfama do ensino à distância deve servir apenas para manter os alunos e alunas ativos fisicamente e intelectualmente.

*A **avaliação será um problema muito complicado** porque se corre o risco de promover ainda mais as desigualdades que se verificam no acesso à informação e nada substitui a avaliação contínua e presencial.”*

“Espero que o governo não considere que os conteúdos novos lecionados à distância durante o 3.º período foram efetivamente adquiridos e não venha a contemplar qualquer reforço no próximo ano letivo relativamente a algumas partes do programa.”

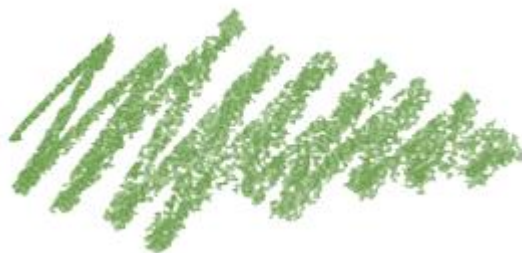
*“Preocupa-me a avaliação. Creio que é **muito difícil avaliar nestes moldes**, acabando por ser injusta.”*

*“Necessidade de turmas mais reduzidas, tendo em conta as medidas de distanciamento social que provavelmente se irão manter no início do ano letivo e aulas de apoio para **compensar os conteúdos que não foram lecionados**, o que obrigará à contratação de mais professores, uma vez que os professores existentes nas escolas estão sobrecarregados de trabalho.”*

*“Burocracia excessiva, número exagerado de documentos a preencher/ repetição destes documentos em diferentes locais (classroom, inovar drive) / muitos constrangimentos relacionados com equipamentos e ligação à internet / **dificuldade em avaliar de forma justa.**”*

*“Preocupa-me a intenção de considerarem **instrumentos de avaliação da dimensão cognitiva** aplicados à distância, uma vez que se desconhece a autoria dessas respostas. Validar testes resolvidos em casa acentua as assimetrias sociais, uma vez que nem todos têm apoio para a resolução desses exercícios.”*

*“Dar conteúdos novos sem conseguir chegar a todos é injusto é desigual e **nem sei como se pode avaliar** assim.”*



O Ministério da Educação avaliado pelos professores



*“O problema é que o **Ministro da Educação não foi professor**. Não basta ter professores na família.”*

*“O ME devia distribuir **pontos de acesso à net** aos professores, mas não fez nada.”*

*“Do ministério ouvi muitos agradecimentos e um sem número de **soluções para outros fazerem**.”*

“Fecharam-se as portas das escolas e abriu-se um portão pelo qual o ministério entra muito pouco.”

*“O excesso de voluntarismo da nossa parte, professores, deixa a **tutela descansada, apesar de desnorteada e alheada** da realidade.”*

*“Considero que o **ME deveria ter assegurado** a atribuição de equipamento aos professores e alunos; estou a trabalhar com os meus equipamentos pessoais. E deveria ter também pensado atempadamente nas questões de segurança e de privacidade.”*

*“O **ministério abandonou os docentes à sua sorte**, dependendo do seu próprio material e ligação à net, sem orientações concisas ou formação adequada.”*

*“Inexistência total de **falta de liderança/visão por parte de um ministro** da educação inexistente ou títere do primeiro-ministro.”*

*“Mais uma vez somos carne para canhão, sem qualquer apoio. Apenas nos ordenam que façamos, sem olhar às condições ou aos recursos de cada um. Os dias são altamente desgastantes, continuando a **burocracia a ser o mais importante para quem dirige**.”*

*“O que, mais uma vez, tem valido a este país, no que à Educação diz respeito, é o profissionalismo dos seus professores! O **ME limitou-se a dar passos curtinhos**. Foram os professores que, colaborativamente, incrementaram o E@D que se disseminou muito antes de o ME ter começado a pensar nisso! Aliás, os primeiros documentos do ME sobre o assunto só apareceram quando os professores, por exemplo, nas redes sociais, já discutiam metodologias, segurança das plataformas, tipos de avaliação, etc.”*

*“Do ponto de vista negativo a forma como os professores foram lançados aos leões, sem apoios, sem formação, sem decisões, com um aumento brutal de trabalho e com o **ministério à espera que as coisas acontecessem**.”*

*“Quanto ao Governo, considero que tem tido uma intervenção globalmente positiva, mas o **Ministro da Educação tem-se revelado absolutamente desnecessário**.”*

*“Penso que nisto, como em muitas outras coisas, o **ministério está a navegar por cabotagem**, sem linha de orientação.”*

*“O **ME gastou dinheiro em publicidades** de promoção da sua imagem que podia ter sido usado para trabalho com os alunos sem meios tecnológicos.”*

*“O ME deu abertura para que o **negócio das editoras** se apropriasse dos emails dos alunos.”*

*“O **ME deve comunicar mais e melhor** para não ser o imprevisto e a extrema dedicação dos docentes a resolver tudo.”*

*“Estou farta desta...coisa! **Onde está o suporte do ministério** aos professores?”*

*“O governo agiu, na generalidade, de forma positiva, o ministério da educação e o senhor ministro, como sempre, foram **indecisos e impreparados.**”*

*“O **apoio do governo falhou**, pois não prestou nenhum auxílio em termos de meios tecnológicos (computadores, internet e inclusive um pacote de minutos de telemóvel, porque só assim temos conseguido assegurar que o ensino prossiga). Digamos que os professores continuam como sempre, com um grande espírito de missão e graças a ele, a continuidade do ensino, desta forma, foi possível.”*

*“Considero que o apregoado sucesso de todo o processo do ensino à distância depende única e exclusivamente da **"carolice"** e **"amor à camisola"** por parte dos docentes e das direções das escolas (por esta ordem).”*



Professores não querem palmas; continuam a exigir respeito e justiça!



“Constato uma maior valorização do trabalho do professor por parte dos encarregados de educação.”

*“O Ministério da Educação gosta de **elogiar para inglês ver**. Gostaria de continuar a ouvir os elogios após a pandemia e com tudo normalizado.”*

*“O Governo (quem o representou), **pela primeira vez, elogiou** o trabalho dos docentes, no dia da apresentação da “Telescola”. Custa!”*

*“Neste momento são só elogios aos professores, mas penso que **depressa voltaremos à normalidade...**”*

“Os elogios feitos agora aos docentes são despropositados, hipócritas, cínicos. A classe docente deu sempre o seu melhor, em todas as circunstâncias.”

*“**Elogios (só) agora?** Os professores sempre fizeram um trabalho extraordinário, com muito esforço, muitas horas de trabalho sozinhos, entre pares, com os alunos, realizando formações, pesquisas, estudo próprio, elaborações, planificações, adaptações variadas ao contexto de cada turma/grupo/aluno, esclarecendo e atendendo todos e cada um deles e tudo com os seus próprios meios.”*

*“Aos colegas que se apresentam diariamente frente a uma câmara de televisão, os meus **sinceros parabéns**, pelo trabalho, pela coragem, pelo empenho e por contribuírem para uma solução de exceção que não resolve, mas minimiza os danos.”*

*“Os **professores nunca foram tão elogiados** por um ministro que até este problema aparecer nada dizia. Um autêntico pau mandado. O Secretário de Estado enaltecendo o trabalho dos professores, também nada faz na defesa dos seus problemas, assim como o Ministro da Educação. O próprio Primeiro-ministro que tanto elogia, mas que não resolve os 6 anos de tempo que ainda faltam contar...”*

*“Acho que o Ministério da Educação deveria ter **mais consideração pelo trabalho** que os docentes, de um modo geral, estão a realizar e pensar seriamente naqueles que, não tendo as mesmas capacidades físicas, devido à idade, estão a ser escravizados.”*

